

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alessandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 3 / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-538-9

DOI 10.22533/at.ed.389202810

1. Sociologia. 2. Desenvolvimento Humano. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar e sociedade, o indivíduo, a intersubjetividade e as relações sociais são preocupações constantes nos artigos e capítulos que integram a obra “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3”. O livro reúne uma série de contribuições da pesquisa social que buscam dar os contornos sobre a vida em sociedade, sobre as identidades e comunidades sociais.

A variedade de olhares que surgem nos capítulos dá conta de uma abordagem ampla sobre diversos temas atuais e urgentes. Sobretudo de questões relacionadas aos processos identitários, à etnicidade, dentre outros. Aqui, destacam-se os trabalhos que abordam as redes de interdependências estabelecidas a partir dos jogos indígenas, a tradição e a sobrevivência de comunidades pesqueiras portuguesas, entre comunidades geracionais, grupos de trabalho e identidades profissionais.

As vulnerabilidades social e laboral também são evidenciadas e debatidas à luz das correntes sociológicas nos trabalhos aqui destacados. Dentre eles podemos ressaltar pesquisas sobre políticas públicas para dependentes de novas drogas psicoativas, a precarização do trabalho e as condições sanitárias no mercado sexual durante a pandemia, as redes de apoio e grupos de identidade vinculados às pessoas em situação de rua, e as condições de representatividades da comunidade carcerária.

O rigor metodológico e as contribuições de múltiplas observações do campo social faz da coleção “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

GEORG SIMMEL E A EDUCAÇÃO COMO TRAGÉDIA

Elson dos Santos Gomes Junior

Rafael Ferreira Pureza de Oliveira

Marcos Felipe Medeiros de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3892028101

CAPÍTULO 2..... 12

ENTRE TRADIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DO TRABALHO DO MAR: DILEMAS GERACIONAIS DAS COMUNIDADES PISCATÓRIAS PORTUGUESAS

Licínio Manuel Vicente Tomás

DOI 10.22533/at.ed.3892028102

CAPÍTULO 3..... 28

EDUCAÇÃO INFORMAL E EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA: INVESTIGAÇÃO SOBRE SENIORES RESIDENTES EM VIANA DO CASTELO

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

DOI 10.22533/at.ed.3892028103

CAPÍTULO 4..... 41

UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS MERCADOS DAS NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS (NSP)

Susana Henriques

Maria das Dores Guerreiro

Joana Paula Silva

DOI 10.22533/at.ed.3892028104

CAPÍTULO 5..... 55

SABERES TRADICIONAIS: UMA PESQUISA PARTICIPANTE REALIZADA COM O MOVIMENTO DAS APRENDIZES DA SABEDORIA

Ana Paula Huçalo

Analine Badotti Batista

Cristina Ide Fujinaga

Fernando Stora

Francieli Aparecida Zakseski

Marina Joice Keil

Willidiane Tessari

DOI 10.22533/at.ed.3892028105

CAPÍTULO 6..... 68

REGULAÇÃO E DESREGULAÇÃO DO TRABALHO: TRABALHO SEXUAL, PANDEMIA, CRISE, EXCLUSÃO E ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO

Roseli Bregantin Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.3892028106

CAPÍTULO 7	83
O LUGAR DE SUJEITO E O INDIVÍDUO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	
Amanda Marques de Carvalho Gondim	
José Luís Simões	
Izabel Adriana Gomes de Sena Simões	
DOI 10.22533/at.ed.3892028107	
CAPÍTULO 8	90
JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS: REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS	
Deoclecio Rocco Gruppi	
DOI 10.22533/at.ed.3892028108	
CAPÍTULO 9	108
ENTRE SOCIABILIDADES E DESIGUALDADES: AS REDES DE APOIO NAS RUAS	
Anne Gabriele Lima Sousa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3892028109	
CAPÍTULO 10	121
DINÂMICAS DE AÇÃO DOS FISIOTERAPEUTAS PORTUGUESES - TENDÊNCIAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS	
Paula Soares	
DOI 10.22533/at.ed.38920281010	
CAPÍTULO 11	135
DINÂMICAS DA FAMÍLIA EMPRESÁRIA, REFLEXIVIDADE E A SUCESSÃO: A FERRAMENTA DO PROTOCOLO FAMILIAR	
Ana Paula Marques	
António Nogueira da Costa	
Paula Freire	
DOI 10.22533/at.ed.38920281011	
CAPÍTULO 12	151
COMUNIDADE DE MOTOCICLISTAS: UMA ABORDAGEM SOBRE UM MOTO CLUBE DO PARANÁ	
Karine Aparecida de Lima	
Bárbara Mendes Paz Chao	
Danielle Soraya da Silva Figueiredo	
Fabio Antonio Matucheski Zarpelon	
Iara Rodrigues Vieira	
Cristiana Magni	
Reinaldo Knorek	
DOI 10.22533/at.ed.38920281012	
CAPÍTULO 13	160
AUTONOMIA PROFISSIONAL DAS NOVAS PROFISSÕES DA SAÚDE EM	

PORTUGAL - OS TÉCNICOS SUPERIORES DE RADIOLOGIA

António Fernando Caldeira Lagem Abrantes

Rui Pedro Pereira de Almeida

Luís Pedro Vieira Ribeiro

Bianca Vicente

Kevin Barros Azevedo

Carlos Alberto da Silva

Dulce Miranda

DOI 10.22533/at.ed.38920281013

CAPÍTULO 14..... 172

ATUAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA NO INTRAMUROS DO PRP-RS

Jiulia Estela Heling

DOI 10.22533/at.ed.38920281014

CAPÍTULO 15..... 180

APROXIMAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE PODER E AUTORIDADE NA SOCIOLOGIA DA AÇÃO EM WEBER

Alexsandro Teixeira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.38920281015

CAPÍTULO 16..... 193

A PROSTITUIÇÃO SOB ESCRUTÍNIO: QUANDO OS PROJETOS ANTIPROSTITUIÇÃO DO FEMINISMO ABOLICIONISTA E DE RELIGIOSOS CRISTÃOS CONVERGEM NO BRASIL

Tiago Luís Coelho Vaz Silva

DOI 10.22533/at.ed.38920281016

CAPÍTULO 17..... 206

A COMPLEXIFICAÇÃO DO PROCESSO CIVILIZADOR NOS DISCURSOS DA MÍDIA ESPORTIVA NO MIXED MARTIAL ARTS - MMA FEMININO

Luara Faria dos Santos

Ana Carla Dias Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.38920281017

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO..... 218

APROXIMAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE PODER E AUTORIDADE NA SOCIOLOGIA DA AÇÃO EM WEBER

Data de aceite: 26/10/2020

Alexsandro Teixeira Ribeiro
UFPR
Centro Universitário Uninter

RESUMO: O presente trabalho busca aproximações sobre alguns conceitos em Max Weber que buscam sustentar um olhar sobre a formação do estado dentro da lógica da sociologia da ação. O objetivo, contudo, não é debater o estado em Weber ou ainda analisar as tipificações sobre os modelos de sociedade ou de poder estabelecidos na lógica administrativa ou burocrática, mas sim gerar uma aproximação aos conceitos que podem jogar luz para o entendimento das lógicas do funcionamento do estado. Para chegarmos a uma sustentação que nos ajuda a compreender a forma de organização social e o funcionamento do aparato administrativo burocrático estatal, vamos nos debruçar sobre questões como autoridade e formas de dominação pela convenção e pela lei, bem como conceito de legitimidade.

PALAVRA-CHAVE: Sociologia da ação, poder, Weber, estado

ABSTRACT: The present work seeks approaches to some concepts in Max Weber that seek to sustain a look at the formation of the state within the logic of the sociology of action. The objective, however, is not to debate the state in Weber or to analyze the typifications about the models of society or power established in the administrative

or bureaucratic logic, but rather to generate an approximation to the concepts that can shed light on the understanding of the logic of operation of State. In order to arrive at a support that helps us to understand the form of social organization and the functioning of the state bureaucratic administrative apparatus, we will address issues such as authority and forms of domination by convention and law, as well as the concept of legitimacy.

KEYWORDS: Sociology of action, power, Weber, state.

INTRODUÇÃO

Olhar para a sociedade é, de alguma forma, buscar compreender as relações e as decisões que estão contidas nas intenções dos indivíduos e nos propósitos que motivam suas ações. Esta é uma perspectiva que pode, de alguma forma, conduzir uma determinada interpretação de vida em sociedade. Conduzir nossa percepção para tal orientação, é de alguma forma considerar que a sociedade é resultado de determinadas interações, bem como resultado de determinadas ações interpessoais. Assim, é a ação que move a sociedade, sendo que, nesta perspectiva, não há sentido em uma estática social. Aqui não nos é apenas importante contabilizar ou descrever, obviamente, a existência ou não e as medidas que tipificam as ações, mas sim pensar e compreender os significados que motivam e sobre quais pretextos e objetivos estão pautadas

tais ações.

Uma dimensão que é importante observar, neste aspecto, é a ação sendo uma medida de atingir determinados resultados ou performances na sociedade. Desta forma, existe aí um resultado que se busca alcançar. Em algumas vezes, isso se dá em relação ou em resposta aos outros indivíduos na sociedade. O resultado de tal ação, de alguma forma, pode estar condicionado ao potencial de poder ou de dominação presente em quem estabelece a ação. Isto, até certo ponto, pode nos ajudar a compreender como estruturas de poder, como o estado, se consolida nesta perspectiva de sociedade. Neste caso, não é a forma ou a estrutura que podemos observar, mas sim o desenvolvimento de conceitos que estão manifestadas nas relações e interações, como dominação e poder. Desta forma, para além de observar o resultado, o que podemos é desenvolver um olhar para a forma de consolidação da vida social.

O poder em Weber (1999) é a força, não necessariamente física, que cada um tem de fazer para que os outros realizem coisas que quem desempenhou a força queira. Esta, de alguma forma, é a base que consolida o estado. Conforme destaca Weber, um estado existe na medida em que as pessoas colocam-se de forma a se submeter aos desejos do estado, ou a obedecer o estado. Aqui explicamos pela forma de comunicação. Para pensarmos em como esta dominação ocorre, devemos resgatar o que o pensador, um dos pilares da sociologia clássica, pensa ou define como poder e suas formas de operação ou consolidação. Para discorrer sobre isso, precisamos ao longo do trabalho destacar ao menos dois conceitos que são fundamentais para entender essa relação de dominação. Uma delas é a autoridade e o outro é a legitimidade.

Este olhar para a sociedade, pelo viés clássico, contudo, não é único. Weber está entre um tripé que vislumbra as relações sociais ou de pensadores que se debruçam no entendimento de como os indivíduos vivem em sociedade. Compõem as bases do pensamento sociológico Marx e Durkheim. Cada qual com um olhar diferenciado para o objeto da sociologia, ora em pensar a sociedade a partir da produção humana e da luta de classe com um método de observação dialético, como vemos em Marx, ora ao observar a sociedade a partir de determinados fatos sociais, buscando uma metodologia que dê conta de explicar e analisar os fenômenos, como vemos em Durkheim.

Em Weber, foco do nosso esforço de revisitação de conceitos, o olhar se centra não em fatos sociais ou em embates sociais decorrentes das relações de produção, mas sim em fenômenos orientados pelas ações dos indivíduos, observadas suas singularidades e questões históricas. Assim, enquanto em Marx a sociedade é um cenário decorrente dos modos de produção e das condições sociais que resultam dos embates das classes que atuam neste processo, e em Durkheim

é algo que está fora do indivíduo, sendo que a realidade é algo que precede aquele, em Weber há um caráter de subjetividade do indivíduo e da cultura, e a sociologia, que se propõe a observar estas subjetividades e suas ações, seria a ciência que daria observaria o sentido e a buscaria compreender o que orienta as premissas ou os objetivos das ações.

Faz-se importante reforçar os olhares para a sociedade e seus objetos, na medida em que nosso esforço será perceber o poder e outros conceitos em Weber que nos ajudam a compreender o estado, na medida em que ao olhar sob outra ótica, sejam outros conceitos ou outras formas que explicariam a dominação e as formas de interação na sociedade. Justifica-se que marquemos o entendimento dos conceitos fundamentais para que percebamos a dominação no conceito weberianos para que seja possível organizar um rol de elementos que nos ajude a conceber o estado e a forma de organização social.

Para tanto, este trabalho será organizado em três partes. Em um primeiro momento, observaremos o que se entende por teoria da ação e quais suas premissas básicas para que possamos apontar os elementos fundamentais que nos ajudarão a entender a dominação na perspectiva de Weber. Na sequência revisitaremos de forma breve e pontual, a dominação sob a ótica dos dois outros clássicos, quais seja: Marx e Durkheim. Por fim, em um terceiro momento, centraremos nosso olhar para o que Weber entende por dominação e outros conceitos que podem colaborar para uma ótica do estado e poder no pensamento do sociólogo.

A SOCIEDADE E A AÇÃO SOCIAL SEGUNDO WEBER

Antes de partir para um resgate dos conceitos básicos da sociologia weberiana, faz-se mister que olhemos para alguns pontos sobre sua trajetória, afinal de contas, é de se considerar que um indivíduo se posicione no mundo não desvinculado das suas origens. Weber nasceu em 1864, em Turíngia, na Alemanha (WEBER, 1980). Filho de jurista e conselheiro municipal, Weber vem de família de comerciantes de linho e industriais. Ao olhar para sua obra e para as influências em seu pensamento, portanto, devemos considerar sua produção e o clima social em meio ao cenário da Primeira Guerra Mundial, na qual chegou atuar administrando hospitais como capitão, e posteriormente como consultor da Alemanha e participou na delegação de assinatura do Tratado de Versailles.

Concluiu seus estudos em Berlim, em 1888. Um ano depois escreve sua tese de doutorado. Em 1893 casa-se com Marianne Schnitger, socióloga e importante escritora, que seria responsável pela organização da sua obra e pela biografia logo após sua morte em 1920. Em 1896 assume uma cátedra em Heidelberg (WEBER, 1980). Nos anos que se segue é acometido por doença que o afasta das funções.

Em 1904 publica um dos seus principais trabalhos, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Na década de 20 do século XX, uma pneumonia aguda leva precocemente o sociólogo.

Ao longo de sua vida, Weber foi responsável por marcar uma das bases pelas quais conhecemos o campo da sociologia. Nela, o pensador analisa a sociedade como resultados de uma interação social adquirida pela ação social e a partir da parcialidade da visão do observador. A sociedade deve ser estudada como resultado da ação dos indivíduos e seus sentidos. Assim, ao contrário do que se percebe em Durkheim, aqui o indivíduo é anterior à sociedade e isso fica explícito na ideia de ação social onde o indivíduo se comunica e se relaciona orientado pelas ações dos outros.

Além disso o indivíduo em Weber é um ator social que desempenha um determinado papel e ações intencionais e interessada. E é sobre suas ações e motivações que a sociologia weberiana devota esforços, ou seja, em compreender de forma interpretativa a ação para explicar a relação causal dos seus efeitos, ou seja, é calcada na ciência da ação social.

Para observar isso, o sociólogo (1999) empreende em um método ou em uma forma de analisar o objeto que busca não descrever suas ações, ou ainda entender seus resultados ou reflexos no embate, mas compreender interpretativamente a ação, é uma sociologia compreensiva que faz do sentido subjetivo das condutas dos atores o fundamento da ação social, ou seja, reconstruir o sentido que o autor atribui à sua conduta. Neste aspecto, o conhecimento é construído dentro da lógica weberiana a partir do recurso metodológico de tipos ideais e na classificação de tipos de ação. Ou seja, mais que descrever, há a tipificação que nos ajuda a complexificar e analisar as particularidades das ações. O objetivo, desta forma, é perceber e entender as pluralidades de causas e as regularidades sociais, bem como analisar as relações de causalidades e as interpretações orientadas pelo ajustamento entre diversos componentes de uma cultura.

Weber entende então como ação toda forma de orientação e medida que esteja relacionada ao outro, e que os integrantes da relação depositem nela um determinado sentido subjetivo (WEBER, 2002). Assim, a ação social pode ser explicada a partir as decisões dos indivíduos de forma a atender determinados sentidos. Fundamental destacar que tais ações objetivam o outro. Reforça o sociólogo que o termo ação social será “reservado à ação cuja intenção fomentada pelos indivíduos envolvidos se refere à conduta de outros, orientando-se de acordo com ela” (2002, p.11). Assim, nem tudo na sociedade pode ser explicado como ação social. Se não for orientado pelo outro, ou ainda se não é externalizado. Da mesma forma, Weber (2001, p.415) destaca que nem todo contato é de caráter social, sendo, as vezes, apenas fenômenos naturais.

Para analisar esta ação, busca-se a partir da compreensão entender o sentido desta ação, ou seja, o que envolve tais medidas. Para tanto, o autor destaca ao menos duas perspectivas de sentido. Em um momento, há a conduta real, que envolve a ação concreta, entre os atores envolvidos na ação e vinculada a um determinado tempo e espaço. Na outra ponta, destaca-se o sentido dentro do que Weber (2002) vem destacar como ponto essencial da sua metodologia compreensiva, que é o tipo ideal. Neste caso, o sentido é dado à ação de um ator projetado, resgatado historicamente, o que nos permite analisar fatos e medidas mesmo após a sua realização dada um determinado tempo.

O outro que envolve a ação não precisa, segundo o sociólogo, ser necessariamente alguém conhecido. Além disso, cabe ressaltar que a ação social não precisa ser baseada em medidas ou ações concretas ou que estão próximas no tempo, podendo ser “orientadas para ações passadas, presentes ou futuras de outros” (WEBER, 2002, p.37).

Seguindo a lógica de tipificações e de racionalização, Weber nos ajuda a entender quais os limites ou intenções de firmam as fronteiras das ações, e reconhece que existem lógicas que regulamentam cada uma delas. Com isso, ele chega a quatro tipos de ações sociais, sendo que a primeira é uma ação racional em relações a fins (WEBER, 1980, 2002). Aqui, a intencionalidade e a expectativa opera como dominantes nas ações, que são desenvolvidas com objetivos específicos.

Em um segundo ponto, o sociólogo descreve a ação motivada por crença em relação a valores, e neste aspecto podemos pensar em ações vinculadas a conjunto de éticas, em medidas em um cenário religioso. Em um terceiro aspecto, chegamos a uma ação orientada pela afetividade. Por fim, Weber tipifica a ação guiada pela tradição ou pela replicação de determinados costumes ou práticas vinculadas ao contexto histórico comportamental. Tais ações podem ser operadas de forma complexa em relações sociais, que envolve duas ou mais pessoas, cada qual com intencionalidades ou orientações diferentes, mas que se guiam com base nas ações do outro. Há um jogo de probabilidade aqui, em interpretar os comportamentos e analisar os resultados e reações. Isso nos ajuda a compreender o jogo das ações e intencionalidades nas relações e em como isso forja o que entendemos como sociologia da ação. Ou seja, sem esta movimentação ou intencionalidade, ficamos sem condutas prováveis, que possam ser lidas e interpretadas dentro das ações, ou seja, não de forma reificada. Como destaca Weber (2002, p.46), o Estado, por exemplo, perde “seu significado sociológico tão logo se torne provável que cesse de manifestar qualquer espécie de ação com sentido”.

O sentido aqui é o que ativa a metodologia, que busca perceber ou compreender o que está nas intenções ou nos movimentos. Ou seja, é o que encontramos no exemplo de que na relação entre teia e a aranha, Weber está mais preocupado com

o movimento da aranha do que de fato com a estrutura deixada por ela. Pois é na ação que se consegue analisar as intenções ou ainda as marcas históricas. É o que podemos ver de racionalmente compreensível no domínio da ação (WEBER, 2001). Por compreensão, o sociólogo entende a percepção do sentido constante na ação, ao analisar e identificar o comportamento e os movimentos, racionais ou irracionais. Não basta identificar, mas sim dar significado aos atos. Assim, destaca-se o que Weber (2001, p.403) aponta como compreensão explicativa, que é a razão dos motivos que levaram à ação, qual as condições que levaram à execução em um determinado tempo e espaço. Ou seja, é pensar no motivo e a intencionalidade.

Reforça o sociólogo que a compreensão é a “apreensão interpretativa do sentido ou conexão do sentido” (2001, p.404). Esta compreensão pode ser desenvolvida pelo pesquisador ou pelo investigador considerando a ação em sua particularidade e elementos históricos, em sua realização em termos estatísticos ou por aproximação, ou ainda pelo processo científico, neste caso, a partir da construção dos tipos ideais.

Ora, se há intencionalidade e se as ações são desempenhadas com vistas ao outro, de alguma forma, em determinadas relações sociais, o poder e a autoridade são fundamentais para desenvolvimento e sucesso. Por outro, este mesmo poder e autoridade nos ajudam a entender como indivíduos se submetem às intenções alheias com vistas a atender suas intenções, sobretudo dentro do meio social, como no Estado. Cabe ressaltar que entende-se poder em Weber (2002) o potencial de impor vontade ao outro dentro de uma relação social, mesmo que exista uma determinada resistência.

UM OLHAR DO PODER E ESTADO EM MARX E DURKHEIM

Ao observar os outros clássicos da sociologia, não estamos apenas mudando um conceito ou outro, mas toda uma narrativa da realidade e das relações sociais, entendido agora como interações ou ocorrências da sociedade. Primeiro em Marx, podemos analisar o poder ou a dominação dentro da luta de classes (MARX, 1986), que é o ponto central para entender a sociedade interpretada pelo filósofo alemão que viveu entre 1818 a 1883. A relação entre superestrutura e a parte ideológica com a infra-estrutura com a parte produtiva ou física da sociedade é o que produz o estado em Marx.

A sociedade, segundo o filósofo, é entendida fora do indivíduo, ou seja, ela é estudada como algo exterior ao indivíduo, como uma totalidade. Nela, o indivíduo é um produto das relações históricas. O indivíduo aqui está de alguma forma incluso em uma relação material em meio ao coletivo, assim, o indivíduo é construído dentro da classe. Estas são premissas do materialismo histórico, que é a forma como Marx

observa as relações sociais compreendidas na análise das condições materiais de vida.

Se Weber usa a compreensão, Marx vai optar pela luta da dialética entre a teoria e a prática. Ou seja, a forma de conhecimento na sociologia marxista está na relação da práxis, em que tudo se relaciona e se transforma na luta entre o tensionamento, entre os contrários. É neste formato de contraposição que se consolida a base marxista da luta de classes. A divisão do trabalho, a separação do indivíduo da sua obra ou da sua produção, o afastamento da figura do artesão e o processo de alienação, bem como a exploração e a consolidação da mais valia é o que cria, no desenvolvimento econômico, a luta de classes.

Aqui surge também o conceito de estado marxista, entre as bases consolidadas na sociedade civil e nas relações econômicas. Se por um lado o estado seria um aparato que atuaria na administração dos conflitos, na outra ponta, é o próprio conjunto de instituições do estado que replica o status quo e amplia a supremacia ou o domínio de uma classe sobre a outra. O estado é um gestor que atenderia, na visão de Marx, aos interesses da classe dominante ou da burguesia. Assim, o governo, destaca o filósofo, não se distanciaria de um “comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX & ENGELS, 1983, p. 23).

O estado e a organização da sociedade, destaca Marx, não podem ser encarados como elementos distantes ou como coisas diferentes, muito pelo contrário. Ou seja, a organização social consolida o estado, e é estabelecido e reconhecido por este, da mesma forma as suas anomalias. Assim, se o estado quisesse eliminar a impotência de sua administração, reforça Marx (2010, p.40). Teria “que eliminar a atual vida privada. Se quisesse eliminar a vida privada, ele teria que eliminar a si mesmo, porque ele existe tão somente como antítese a ela”.

Bem, se o indivíduo esta na classe, e se não há espaço para analisar suas características que o afasta do espaço social em que se localiza, podemos destacar que em Marx o poder é algo que difere de Weber na medida em que não é operado pelo indivíduo com relação a fins em comparação ao outro, mas sim pela classe em relação a outra classe. Oras, há aqui um olhar negativo sobre o poder, que é estabelecida sempre em detrimento de uma classe sob opressão à outra.

O poder, na visão marxista, é operada dentro da classe, sendo que ela não necessariamente se consolida de forma igualitária ou homogênea. Assim, não é necessariamente um grupo que se reconhece ou que se intitula, mas que a partir de marcas da sua função na sociedade, do seu consumo, da sua propriedade e ideais, se consolidam em uma esfera com conexões e interesses em sinergia ou na mesma orientação. A unidade política e de produção é uma forma de dominação presente nesta perspectiva na medida em que como classe se posicionam, mesmo que não em uníssono, como exploradores de uma determinada classe, ou como ditadores

da liberdade (MARX, 1983). Na outra ponta, o poder é ainda desenvolvida a partir do próprio estado. Assim, o estado é um replicador ou um prolongador do poder da classe dominante.

Já na perspectiva social de Durkheim, apesar de considerar uma estrutura anterior indivíduo e não necessariamente mutável por sua ação, por outro lado não considera a sociedade como reflexo tão somente de uma economia política e embate de classes. Considerado fundador do marco do objeto da sociologia e das linhas gerais, o sociólogo viveu entre 1858 e 1917 (DURKHEIM, 1999), também sob uma Europa pré-primeira guerra.

Filho e netos de rabinos, Durkheim não seguiu a função profissional do pai. Seguindo as linhas de observação sobre as perspectivas dos pensadores, pelo olhar do sociólogo a sociedade não é interna ou dependente dos indivíduos, mas sim externa, sendo que seu objeto é o fato social, a fora que a sociedade exerce sobre os indivíduos de forma coercitiva sobre seus comportamentos. Ou seja, o indivíduo tem um papel dentro das funções sociais, sobre ele é exercida a pressão ou força das instituições, responsáveis pela manutenção do corpo social.

A não ocorrência desta interação promove o que o sociólogo aponta como anomia social. O agente social interioriza e exprime as normas da sociedade. Para se aproximar da relação do fato social e a pressão da sociedade no comportamento, Durkheim (2002) usa a explicação, ou seja, a dissecação dos fatos sociais, de forma a rejeitar a subjetividade do ator. Observa-se o fenômeno e cria categorias de análise comparáveis para ver o padrão.

Aqui nos aproximamos de um olhar positivista. O objetivo na sociologia seria, portanto, a pesquisa da causa e a função dos fatos sociais, enfatizando as relações e o ajustamento entre diversos componentes de uma cultura ou sociedade. Neste meio, o estado, que em Marx atua de forma a reafirmar a injustiça ou as diferenças nas classes, em Durkheim, é um planejador de forças, ou ainda, um agente que atua para dirimir desigualdades. Ou seja, como destaca Durkheim, o estado libera o indivíduo:

Quanto mais forte o estado se torna, mais ativo o indivíduo se torna. É o estado que o libera. Nada, portanto, é mais fatal do que despertar na criança e manter no homem esses sentimentos de desconfiança e ciúmes em relação ao Estado, como se fosse obra do indivíduo enquanto ele é o protetor natural e o único protetor possível (DURKHEIM, 1958, p.7) (tradução nossa)¹

O estado, portanto, é uma instância que quebra do conflito, permitindo assim

1. Plus l'État devient fort, actif, plus l'individu devient libre. C'est l'État qui le libère. Rien donc n'est plus funeste que d'éveiller chez l'enfant et d'entretenir chez l'homme ces sentiments de défiance et de jalousie à l'endroit de l'État, comme s'il était l'oeuvre de l'individu alors qu'il en est le protecteur naturel et le seul protecteur possible (DURKHEIM, 1958, p.7)

o desenvolvimento do indivíduo junto ao grupo. O estado, assim, poderia atuar de forma a regular e criar laços e forças que reduziriam o estado de anomia. O estado atua, portanto, com uma função moral e como uma forma de emancipação do indivíduos às formas de coerção existente nos grupos intermediários ou secundários, que se consolidam em um grau não necessariamente de proximidade, mas de interesse.

DOMINAÇÃO, AUTORIDADE E ESTADO EM WEBER

Finalizado olhar sobre os demais clássicos, retomamos a observação sobre as premissas conceituais em Weber que nos ajudam a pensar o estado e a dominação, lembrando que para o sociólogo alemão o estado é uma ação social. O conceito de poder, que é uma porta de entrada para pensarmos dominação e estado em Weber, não é algo sólido. Conforme apontado, o poder é importante para que possamos perceber em Weber o estado e também as formas de relação, pensando que para o autor encontramos o poder na capacidade ou na probabilidade de perceber sua reação positiva, ou seja, a obediência, dentro de um ato ou na ação social (WEBER, 1980).

Assim, para observar as estruturas do estado ou política, podemos perceber o uso do poder ou da força. Pensando, claro, que estruturas diferentes exercem ou manifestam poderes e dominação de forma diferenciada. Isso inclusive quando direcionada para o exterior. O poder varia dependendo da forma de organização política e das necessidades e demandas dos indivíduos. Isso obedece uma lógica interna de funcionamento que faz com que o poder seja ora domínio externo ora expansão.

Como destaca Weber (1982, p.188), o poder para o político deve resultar em mais poder para seus pares ou ainda em transformação do poder em prestígio, para um burocrata pode se consolidar em medidas ou ações que gerem mais cargos ou melhores condições para ascensão. Já para o trabalhador do sistema feudal, o poder e sua amplitude estava relacionado não ao seu poder, mas ao poder da suserania com seus equipamentos, que pudessem dar oportunidade para que o trabalhador conseguisse ampliar seu potencial de produção.

Ao pensar em poder, em Economia e Sociedade, Weber descreve como sendo o potencial ou ainda a capacidade de fazer com que sua própria vontade se imponha a vontade de terceiros, não sobre o próprio indivíduo, mas sobre os outros. “Pode-se, por exemplo, como ocorreu ocasionalmente, compreender os direitos que a lei concede ao indivíduo, contra um ou vários outros, como o poder de dar ordens ao devedor” (WEBER, 1999, p.188). Aqui, o sociólogo parte do poder para debater a dominação, como um elemento fundamental para a ação social, mesmo que nem

toda ação envolva necessariamente estrutura de dominação. É do poder que se desenvolve o conceito de dominação. O fato é que a dominação depende apenas da presença real de uma pessoa emitindo com sucesso comandos a outra; não implica necessariamente ou a existência de um quadro administrativo, ou ainda a existência de uma associação. A dominação busca encontrar justamente a capacidade de obediência ou de aceite à manifestação do poder. Ou seja, em contraposição ao poder de determinar sua vontade, existe a probabilidade ou o potencial de ser manifestada a vontade de acatar a dominação.

Ao observar a dominação, somos orientados por Weber a observar, dentre uma possível série de tipificações, duas formas mais consolidadas de organizar as manifestações de poder. Em uma delas, destaca o sociólogo, o que vemos é a forma ou o tipo que seria considerado o mais puro, e com potencial dominante, ou seja, monopolizador no mercado (1999, p.189). Neste aspecto, a dominação se exerce na habilidade ou na posse com intenção a atender determinados interesses próprios dos dominados.

Na outra ponta, um segundo ponto seria uma dominação administrativa, que é exercida sob um poder de dever de obediência, sem reflexão necessariamente. Em ambas, podemos enxergar a relação construída por Weber na situação em que uma vontade desencadeia ações ou reações em um fluxo de dominador e dominado. Neste ponto, a dominação é importante para pensarmos a administração, sendo que de alguma forma esta precisa daquela, na medida em que é “mister que certos poderes de mando se encontrem nas mãos de alguém. O poder de mando pode ter aparência muito modesta, sendo o dominador considerado o servidor dos dominados e sentindo-se como tal” (WEBER, 1999, p.193).

Seguindo a lógica de identificação e tipificação para entender as dimensões e as lógicas contidas na ação social, o sociólogo nos aponta ao menos três formas de dominação que serão conhecidas como formas legítimas de dominação. Uma delas é a carismática. Nela, o que opera a força da dominação é a crença ou ainda por reconhecimento da fé em determinadas figuras. Aqui os tipos puros encontrados são os heróis, os guerreiros ou o demagogo (WEBER, 1989). Nestes casos, pouco importa a função administrativa ou a posição, mas sim suas qualidades e formas de impingir um poder de vinculação entre dominador e dominado de tal forma a conseguir uma determinada devoção irracional ou ainda afetiva. Este tipo de dominação não é homogênea e necessita de alimentação constante, sendo mutável ou instável ao longo do tempo. Há a necessidade de reacender o poder pela manifestação da qualidade do dominador ou do carisma do líder.

Em um segundo ponto, encontramos a dominação tradicional. Aqui, a dominação não é necessariamente pelas características do líder, mas pela lógica do sistema com base na tradição ou na conservação de status histórico ou pelo

costume. Regimes patriarcais, por exemplo, são tipos de domínios que pode ser analisados pela lógica da dominação tradicional.

O que explica a forma de poder exercido é a fidelidade tradicional, a lógica da obediência ou ainda a lei moral. Questões como resignação ou “foi sempre assim” reforçam este modelo ou tipo de dominação, que vê na tradição ou na manutenção de um determinado status quo uma forma de garantir a permanência dos poderes. Os poderes são dados pela transmissão e pela passagem, e não necessariamente pelo potencial do indivíduo ou por características carismática. Os laços se consolidam em vínculo de fidelidade entre dominante e dominado, considerando que a estrutura estamental se baliza pela honra.

Por fim, na lista de dominações puras, chegamos na legal, que se baliza pela formação de um conjunto de regras aceitas ou por um estatuto validade socialmente. Este tipo de dominação é da ordem da burocracia e mais se qualifica no regime democrático. A racionalidade é o que determina um tipo de vínculo entre dominante e dominado (WEBWE, 1989). A dominação não se dá, desta forma, necessariamente pela figura como das formas anteriores, que ou era operada pela relação pessoal ou carismática, ou pela estrutura de dominação pela tradição, mas sim como uma forma de dominação desencadeada pelo compromisso com a regra, ou ainda com o potencial de punição proveniente do descumprimento da regra.

Diferente do tipo carismático ou tradicional, a dominação aqui é mais firme ou homogênea uma vez que a regra não se estabelece por outras referências que não as contidas na letra da lei ou do conjunto do estatuto que estabelece direitos e deveres. A racionalidade da dominação de desloca e se efetiva não pelos interesses próprios necessariamente, mas de alguma forma pela impessoalidade do direito e pela garantia dos interesses comuns.

É passível de identificação nas sociedades modernas todas as formas de dominação, sobretudo em sistemas complexos, sendo oras mais um tipo, oras outro. Contudo, destaca-se que o tipo legal ou racional é o que mais se estabelece ou se reconhece no sistema democrático. Em regimes democráticos, o que se percebe é que o poder e dominação é transferido ou compartilhado com representantes.

Aqui um conceito importante para pensar essa transferência ou para entender como pode o poder e a dominação ser operada por terceiro é pela autoridade. Assim, para pensar a autoridade, é fundamental entender que pode ou não ocorrer a efetivação do interesse ou da necessidade de quem opera a autoridade. Ou seja, é preciso compreender que a efetivação da autoridade é operada a partir da validade. Desta forma, como destaca Weber (2002, p.54), a autoridade terá caráter de validade somente se “a orientação a estes axiomas incluir ao menos o reconhecimento de que tudo a que obrigam o indivíduo, ou a ação correspondente, constitui um modelo digno de imitação”.

Da mesma forma que a dominação, podemos ainda encontrar em Weber algumas orientações ou tipificações que não se deslocam dos tipos de dominação. Oras, uma das formas de contemplar a autoridade é pela lógica afetiva. Assim, temos um paralelo entre a dominação exercida e a autoridade carismática, que se consolida em um tipo de ação que cria uma obrigatoriedade de fazer. Para além deste modelo, em Weber podemos considerar a autoridade por dois sistemas. Um deles é o que Weber aponta como convencional.

Neste aspecto, a autoridade se dá, na prática, na medida em que os integrantes de um determinado grupo ou sociedade reconhece em comum acordo com os demais a autoridade ou o exercício do poder. Assim, as medidas que ignoram tais regramentos acaba, por serem penalizadas com a reprovação do todo. Já um segundo aspecto daria pela lei. Neste ponto, o sistema é reconhecido na medida em que a reprovação ou penalidade pelo não cumprimento da autoridade é física ou psíquica, na medida em que busca que a força seja a forma de reconhecimento da autoridade. Assim, no sistema convencional, a autoridade é pelo reconhecimento, enquanto que na lei, a autoridade se dá pela força.

Logicamente que para considerar o potencial da autoridade como uma concentração de representação do poder, é fundamental entender que entre a ação do poder e a efetivação por meio de uma autoridade, há de se considerar a legitimidade da autoridade, ou ainda o reconhecimento da legitimidade do poder. As legitimidades, destaca Weber, podem ser entendidos dentro da própria forma de dominação. Assim, assegura o sociólogo, essas “concepções de legitimidade e suas justificações íntimas são de grande significação para a estrutura do domínio” (WEBER, 1982, p.99). Desta forma, assim como na lógica da dominação o poder emana da figura do dominante e da relação de adoração sobre o dominado, na dominação racional, por exemplo, pode-se destacar a legitimidade no poder conferido ao regramento ou ao conjunto de leis que orientam as decisões socialmente.

CONSIDERAÇÕES

Compreender as relações e as ações sociais é mapear e identificar as intencionalidades e as formas de dominação e razões na sociedade. Ao propor uma sociologia da ação, Weber nos indica que o olhar para a sociedade não pode ser explicada unicamente pela lógica econômica ou de confronto de classes, mesmo que ele mesmo tenha se debruçado em tipificar classes sociais.

O sociólogo também nos aponta que a força e pressão não está necessariamente na sociedade que é externa ao indivíduo e que regra ou domina suas funções. O que ele nos aponta é que podemos analisar e compreender a sociedade na relação entre os indivíduos, na interação e na intencionalidade

que pode ser avaliada e identificada na medida em que se opera e que pode ser deduzida, entendida e avaliada em meio ao cenário local e temporal.

Longe de considerar que tais aproximações contidas neste trabalho explica ou dá conta das manifestações sociais pelo olhar weberiano, admite-se que o que se busca aqui é um apontamento para indicar uma forma de pensar em como se consolida o poder e como se opera a dominação é importante para analisarmos como uma sociedade burocrática administrativa se sustenta com uma infinidade de interesses opostos sendo manifestados constantemente. Pensar, assim, no trajeto do poder, que se manifesta na autoridade e que encontra eco na legitimidade nos aponta para um caminho que nos conduz para um olhar racional e sistêmico da sociedade, que colabora para mapear as formas de dominação e de autoridade exercida no estado.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile Davi. **Lições de sociologia: a moral, o direito e o Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURKHEIM, Émile. **L'Etat**. Revista de Filosofia. Paris, 1958. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_6/1_Etat.htm

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Salário, Preço e Lucro. O Rendimento e suas Fontes. São Paulo: Abril Cultural, 2. ed. 1986.

MARX, Karl. **Lutas de classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl, e, ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas I, II e III**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1983.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte**, in: MARX, Karl, e, ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Volume I. São Paulo: Alfa-Omega, 1983

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. In: *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. UnB, 1999.

WEBER, Max. **Textos selecionados**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores). 1980.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 2 v. Cortez: Campinas, 2001

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo, Centauro, 2002.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia profissional 124, 125, 133, 160, 161, 164, 169, 170

C

Clima organizacional 160, 161, 163, 171

Comunidades 12, 14, 15, 18, 19, 22, 25, 27, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 91, 94, 99, 103, 104, 105, 136, 151, 152, 153

Configurações 84, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Convergência ideológica 193, 198, 199

Covid-19 68, 69, 72, 74, 82

Criminalização da prostituição 193, 195, 200, 203

D

Defensoria Pública 172, 173, 174, 176, 177, 179

Desafios ambientais 12

Desregulação 68, 72

E

Educação 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 65, 66, 83, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 134, 158, 162, 203, 215, 216, 217

Educação informal 28, 29

Envelhecimento 12, 18, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 40

Envelhecimento profissional 12

Estado 3, 4, 33, 59, 65, 68, 72, 74, 76, 79, 80, 91, 94, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 152, 153, 163, 172, 173, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 204, 217

F

Família empresária 135, 137, 138, 143, 145, 146, 148, 149, 150

Feminismo abolicionista 193, 195, 199, 202

Fisioterapia 121, 122, 123, 124, 127, 130, 131, 132

G

Georg Simmel 1, 2, 3

I

Identidade 12, 15, 27, 31, 38, 50, 65, 90, 106, 107, 119, 128, 130, 132, 151, 152, 154, 156, 159

Interculturalidade 28, 30

J

Jogos escolares 90, 91, 92, 96, 97, 99, 100, 105, 106

Jogos indígenas 90, 106

L

Lugar de sujeito e indivíduo 83

M

Marx 4, 10, 181, 182, 185, 186, 187, 192

Mercados 12, 41, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 135, 137, 141

Michel Foucault 83, 89

Migração 28, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 71

MMA 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 18, 20, 25, 65, 84, 207

Moto clubes 151, 152, 155, 157, 159

Mulher 69, 73, 80, 81, 114, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

N

Norbert Elias 83, 88, 89, 92, 173, 207

Novas substâncias psicoativas 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53

P

Peruzzo 57, 62, 67, 153, 159

Poder 25, 30, 35, 57, 62, 63, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 100, 103, 104, 109, 111, 114, 118, 119, 124, 126, 128, 129, 130, 133, 135, 138, 145, 160, 162, 164, 169, 170, 171, 175, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 202, 205, 206, 209, 210, 213, 215, 217

Políticas públicas 41, 43, 44, 49, 51, 52, 53, 55, 66, 72, 74, 119, 120, 149, 163

Posições desiguais 108, 119

Processos civilizadores 172, 206, 215

Prostituição 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Protocolo familiar 135, 137, 139, 141, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Q

Questão penitenciária 172, 174, 179

R

Redes de apoio 108, 109, 113, 114, 116, 119

Reflexividade 135, 149

Regulação 68, 71, 73, 74, 77, 79, 80, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 146, 163, 171, 193, 203, 209

S

Saber popular 55, 64

Saúde 29, 32, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 55, 56, 57, 58, 59, 63, 66, 75, 96, 98, 103, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171

Situação de rua 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120

Sociologia da ação 180, 184, 191

Sustentabilidade 12, 17, 18, 25, 26, 27

T

Técnicos superiores de radiologia 160, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 171

Trabalho na pesca 12

Trabalho sexual 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204

W

Weber 4, 11, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 